

Camila D'El-Rey Oliveira<sup>1</sup> | Mila Sousa Herrera<sup>2</sup> | Laís Fernandes<sup>3</sup> | Priscilla Rodrigues<sup>4</sup> | Joao Sousa Chaves Neto<sup>5</sup>  
Pedro Balthazar<sup>6</sup> | Taciane Bittencourt Aleluia Reis<sup>7</sup> | Murilo de Queiroz Ramos<sup>8</sup>  
Fernanda Freitas Lemos Lopes<sup>9</sup> | Kiyoshi Ferreira Fukutani<sup>10</sup>

## PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF WOMEN VICTIMS OF SEXUAL VIOLENCE IN BRAZIL

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE LAS MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIA  
SEXUAL EN BRASIL

### RESUMO

A violência transforma-se em problema de saúde quando passa a afetar a saúde individual e coletiva. Portanto o objetivo desse trabalho foi descrever o perfil epidemiológico das vítimas de violência sexual registradas no SINAN e avaliar esse perfil nos períodos de 2010 e 2018. Utilizamos dados secundários do Sistema de Informação de Agravos e Notificação referente à violência sexual no Brasil no período de 2010 a 2018. As vítimas de violência sexual no Brasil são caracterizadas quanto à raça como parda (24180), seguido pela raça branca (20414). Quando relacionamos a faixa etária, cerca de 29.53% das vítimas possuem entre 10 e 14 anos, o que corresponde a 16211 indivíduos agredidos. A escolaridade das vítimas foi menor do que a 8 série do ensino médio em 36.82% das vítimas. Quando comparamos o início dos registros nos bancos de dados no ano de 2010 com o último ano disponível para acesso 2018. Notamos que as proporções mudaram sutilmente entre raça e escolaridade e demonstramos que as mulheres vítimas em sua maioria é da raça parda e preta, com faixa etária menor de 19 anos, que não completaram o ensino fundamental. A maior parte das agressões ocorreu na residência, não tendo associação com o uso de álcool, com diferenças sutis no perfil epidemiológico no ano de 2010 e o último ano em que tivemos acesso à base de dados 2018.

### PALAVRAS-CHAVES

Violência Sexual. Perfil Epidemiológico. Sistema de Informações de Agravos de Notificação.

## ABSTRACT

Violence becomes a health problem when it affects individual and collective health. Therefore, the objective of this work was to describe the epidemiological profile of victims of sexual violence registered in SINAN and to evaluate this profile in the periods of 2010 and 2018. We used secondary data from the Information System of Diseases and Notification regarding sexual violence in Brazil in the period of 2010 to 2018. Victims of sexual violence in Brazil are characterized as mixed race (24180), followed by white race (20414). When we relate the age group, about 29.53% of the victims are between 10 and 14 years old, which corresponds to 16211 individuals attacked. The victims' schooling was lower than the 8th grade of high school in 36.82% of the victims. When we compare the beginning of records in the databases in 2010 with the last year available for access, 2018. We notice that the proportions have changed subtly between race and education and we demonstrate that the majority of victims are of brown and black race, with age group under 19, who have not completed elementary school. Most of the assaults took place at home, not associated with alcohol use, with subtle differences in the epidemiological profile in 2010 and the last year in which we had access to the 2018 database.

## KEYWORDS

Sexual Violence. Epidemiological Profile. Notifiable Diseases Information System.

## RESUMEN

La violencia se convierte en un problema de salud cuando afecta la salud individual y colectiva. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo fue describir el perfil epidemiológico de las víctimas de violencia sexual registradas en el SINAN y evaluar este perfil en los períodos de 2010 y 2018. Se utilizaron datos secundarios del Sistema de Información de Enfermedades y Notificación sobre violencia sexual en Brasil en el período de 2010 a 2018. Las víctimas de violencia sexual en Brasil se caracterizan como mestizas (24180), seguidas de raza blanca (20414). Cuando relacionamos el grupo de edad, cerca del 29,53% de las víctimas tienen entre 10 y 14 años, lo que corresponde a 16211 individuos agredidos. La escolaridad de las víctimas era inferior al 8° grado de secundaria en el 36,82% de las víctimas. Cuando comparamos el inicio de registros en las bases de datos en 2010 con el último año disponible para acceso, 2018, notamos que las proporciones han cambiado sutilmente entre raza y educación y demostramos que la mayoría de las víctimas son de raza morena y negra, con grupo de edad menores de 19 años, que no han completado la escuela primaria. La mayoría de las agresiones se produjeron en el domicilio, no asociadas al consumo de alcohol, con sutiles diferencias en el perfil epidemiológico en 2010 y el último año en el que tuvimos acceso a la base de datos de 2018.

## PALABRAS CLAVE

Violencia sexual. Perfil Epidemiológico. Sistema de Información de Enfermedades de Declaración Obligatoria.

## INTRODUÇÃO

A violência transforma-se em problema de saúde quando passa a afetar a saúde individual e coletiva. O que necessita de ações entre as políticas públicas e os serviços da saúde. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a definição de violência é o uso de força física ou poder, contra si ou outro indivíduo caracterizada como uma única pessoa ou grupo ou comunidade que resulte em sofrimento, morte, dano psicológico ou privação. Segundo a OMS, a violência em si gera um desequilíbrio ao sistema de saúde, com aumento de gastos na emergência, na assistência e principalmente na reabilitação das pessoas que sofreram tais agressões.

Dentro dos espectros da violência, principalmente no espectro intrafamiliar, destaca-se a violência contra a mulher e como os principais agressores, estão os maridos, ex-maridos, namorados e ex-namorados, que juntos chegam à metade das mortes femininas no Brasil. Portanto os reflexos dessa violência são nitidamente percebidos no âmbito dos serviços de saúde feminina. Todavia os profissionais de saúde precisam saber a importância do fenômeno quando a paciente mulher, quando as mesmas apresentam lesões visíveis e relatam sofrer de atos de violência.

Dentre os atos de violência que mais afetam as mulheres é a violência sexual e esse número tem aumentado no Brasil. Ela é caracterizada além de um problema de saúde pública como um crime, traduzidas em: lesão física, gravidez indesejada, aborto, transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e impactos na saúde mental feminina. Dessa forma, as notificações de violência são importantes para se delinear um perfil das mulheres vítima dessa agressão. Portanto o objetivo desse trabalho foi descrever o perfil epidemiológico das vítimas de violência sexual registradas no SINAN e avaliar esse perfil nos períodos de 2010 e 2018.

## METODOLOGIA

O presente trabalho é um estudo epidemiológico analítico, que obteve seus dados por meio de consulta à base de dados de informações de saúde TABNET, disponibilizada pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no endereço eletrônico (<http://www2.datasus.gov.br>). A base de dados completa abrange as mulheres que sofreram violência sexual no período de 2010 a 2018. A extração dos dados do sistema ocorreu no mês de abril/maio de 2020, utilizando o programa Microsoft Office Excel.

A amostra de estudo foi composta por mulheres de todas as faixas etárias e raças que sofreram violência sexual. As variáveis foram descritas quanto a sua frequência absoluta e porcentagem e foram: (i) relacionadas às vítimas: raça, faixa etária, escolaridade, sexo e (ii) relacionada ao ato de violência: local da ocorrência da violência sexual, possível consumo de álcool previamente ao ato e encaminhamento ao setor de saúde. Para comparação, foi aplicado o Teste de quiquadrado. O presente trabalho respeitou o compromisso ético, seguindo a resolução 466/12, apesar de o presente estudo utilizar banco de dados secundários, não identificado de domínio público, não houve necessidade da aplicação do Termo de consentimento livre e esclarecido.

## RESULTADOS

**Tabela 1.** Tabela descritiva da característica da população de mulheres que sofreram violência sexual.

Variáveis	De 2010 a 2018
<b>Raça</b>	
Ign/Branco	4587 (8.35%)
Branca	20414 (37.18%)
Preta	4836 (8.81%)
Amarela	380 (0.69%)
Parda	24180 (44.04%)
Indígena	507 (0.92%)
<b>Faixa Etária</b>	
Ign/Branco	2 (0%)
< 1 ano	792 (1.44%)
1-4 anos	7204 (13.12%)
5-9 anos	9962 (18.14%)
10-14 anos	16211 (29.53%)
15-19 anos	7787 (14.18%)
20-29 anos	6280 (11.44%)
30- 39 anos	3553 (6.47%)
40-49 anos	1844 (3.36%)
50-59 anos	760 (1.38%)
60 anos ou mais	509 (0.93%)
<b>Escolaridade</b>	
Ign/Branco	10257 (18.68%)
Analfabeto	440 (0.8%)
1ª a 4ª série inc do EF	5974 (10.88%)
4ª série comp do EF	2112 (3.85%)
5ª a 8ª série inc do EF	11688 (21.29%)
Ens Fund Com	2301 (4.19%)
EnsMéd Inc	4264 (7.77%)
EnsMédComp	3543 (6.45%)
Edu Supinc	1304 (2.38%)
Edu SupComp	912 (1.66%)
Não se aplica	12109 (22.05%)

Fonte. DATASUS.

Após a coleta dos dados se tratando das vítimas do gênero feminino que sofreram de violência sexual no Brasil, caracterizamos a raça das vítimas e a maior proporção dessas mulheres é da cor parda com 24180, o que equivale a 44.04% das vítimas, seguido pela raça branca com 20414 (37.18%). Quando

relacionamos a faixa etária dessas mulheres, cerca de 29.53% dessas vítimas possuem entre 10 e 14 anos, o que corresponde a 16211 indivíduos agredidos, seguido pelo estrato de 5 a 9 anos com 9962 indivíduos, o que representa 18.14% e 15 a 19 anos com (14.18%). Se tratando da escolaridade, cerca de 36.82% das vítimas apresentam escolaridade menor do que a 8 série do ensino médio (Tabela 1).

**Tabela 2.** Tabela da comparação das mulheres que sofreram violência sexual nos anos de 2010 e 2018.

Variáveis	2010	2018	
<b>Raça</b>			<0.0001
Ign/Branco	1811 (14.02%)	2776 (6.61%)	
Branca	5193 (40.2%)	15221 (36.25%)	
Preta	1002 (7.76%)	3834 (9.13%)	
Amarela	80 (0.62%)	300 (0.71%)	
Parda	4768 (36.91%)	19412 (46.24%)	
Indígena	65 (0.5%)	442 (1.05%)	
<b>Faixa Etária</b>			
Ign/Branco	1 (0.01%)	1 (0%)	N.A
< 1 ano	227 (1.76%)	565 (1.35%)	
1-4 anos	1767 (13.68%)	5437 (12.95%)	
5-9 anos	2690 (20.82%)	7272 (17.32%)	
10-14 anos	3739 (28.94%)	12472 (29.71%)	
15-19 anos	1734 (13.42%)	6053 (14.42%)	
20-29 anos	1356 (10.5%)	4924 (11.73%)	
30- 39 anos	786 (6.08%)	2767 (6.59%)	
40-49 anos	377 (2.92%)	1467 (3.49%)	
50-59 anos	129 (1%)	631 (1.5%)	
60 anos ou mais	113 (0.87%)	396 (0.94%)	
<b>Escolaridade</b>			<0.0001
Ign/Branco	2709 (20.97%)	7548 (17.98%)	
Analfabeto	119 (0.92%)	321 (0.76%)	
1ª a 4ª série inc do EF	1919 (14.85%)	4055 (9.66%)	
4ª série comp do EF	569 (4.4%)	1543 (3.68%)	
5ª a 8ª série inc do EF	2392 (18.52%)	9296 (22.14%)	
Ens Fund Com	417 (3.23%)	1884 (4.49%)	
EnsMéd Inc	786 (6.08%)	3478 (8.28%)	
EnsMédComp	605 (4.68%)	2938 (7%)	
Edu Supinc	167 (1.29%)	1137 (2.71%)	
Edu SupComp	142 (1.1%)	770 (1.83%)	
Não se aplica	3094 (23.95%)	9015 (21.47%)	

Fonte. Datasus

Quando comparamos o início dos registros no DATASUS no ano de 2010 com o último ano disponível para acesso (2018), conseguimos notar uma mudança na distribuição das raças, com uma diminuição de 7.41% das identificações ignoradas ou em branco 3.95%. Quando tratamos da raça branca e as demais raças: preta, amarela, parda e indígena, as mesmas sofreram um aumento, respectivamente de 1.37%, 0.09%, 9.33% e 0.55%, de forma estatisticamente significativa. Quando avaliamos a diferença etária entre os anos, não encontramos diferenças estatísticas. Quando tratamos da escolaridade ocorreu uma diminuição dos ignorados e brancos com 2.99%, e uma diminuição em todos os níveis escolares até a 4a série do ensino fundamental e um aumento a partir da 5a série do ensino fundamental (Tabela 2).

**Tabela 3.** Tabela da comparação das mulheres que sofreram violência sexual nos anos de 2010 e 2018.

Variáveis	De 2010 a 2018	2010	2018
<b>Local de Ocorrência</b>			<0.0001
Residência	145155 (59.32%)	7233 (55.99%)	26202 (62.41%)
Habitação coletiva	2261 (0.92%)	116 (0.9%)	510 (1.21%)
Escola	5553 (2.27%)	327 (2.53%)	1058 (2.52%)
Local de prática esp	1072 (0.44%)	66 (0.51%)	163 (0.39%)
Bar ou similar	2344 (0.96%)	98 (0.76%)	499 (1.19%)
Via pública	32739 (13.38%)	2051 (15.88%)	4670 (11.12%)
Comércio/Serviço	2828 (1.16%)	134 (1.04%)	466 (1.11%)
Indústria/Construção	887 (0.36%)	55 (0.43%)	93 (0.22%)
Outros	25075 (10.25%)	1357 (10.5%)	4000 (9.53%)
Ignorado	24663 (10.08%)	1181 (9.14%)	4306 (10.26%)
Em branco	2112 (0.86%)	301 (2.33%)	18 (0.04%)
<b>Uso de álcool</b>			<0.0001
Sim	50731 (20.73%)	2750 (21.29%)	8706 (20.74%)
Não	99454 (40.65%)	4532 (35.08%)	18517 (44.1%)
Ignorado	92212 (37.69%)	5429 (42.02%)	14576 (34.72%)
Em Branco	2040 (0.83%)	208 (1.61%)	186 (0.44%)
<b>Enc Setor Saúde</b>			N.A
Enc. ambulatorial	68237 (27.89%)	9395 (72.72%)	0 (0%)
Internação Hosp	7421 (3.03%)	834 (6.46%)	0 (0%)
Não se aplica	8428 (3.44%)	849 (6.57%)	0 (0%)
Ignorado	10682 (4.37%)	1195 (9.25%)	0 (0%)
Em Branco	149932 (61.27%)	646 (5%)	41985 (100%)

Fonte. Datasus

Se tratando do ato de violência cerca de 145155, o que equivale a 59.32% ocorreram na própria residência das vítimas e cerca de 99454 (40.65%) relataram não ter consumido álcool previamente ao ato. Quanto a assistência prestada a esses casos cerca de 68237 (27.89%) das agressões ocorridas as vítimas foram encaminhadas ao ambulatório. A diferença do início dos registro em 2010 e o último período acessado 2018, demonstrou que apesar da residência continuar como local mais freqüente para a ocorrência do ato de violência sexual existiu um aumento de 6.42% dos crimes em residência e uma diminuição na

via publica com 4.76%. Existe também um aumento do relato do não uso de álcool, com um aumento de 9.02% em 2018. Sobre a assistência hospitalar não foram relatados dados no ano de 2018 não sendo possível se estabelecer análise estatística (Tabela 3).

## DISCUSSÃO

No Brasil a violência contribui para a perda de qualidade de vida dos cidadãos e é uma das principais causas de desestruturação pessoal familiar. Dessa forma, estudos que tentam compreender a distribuição das características dos casos de violência, principalmente a violência sexual, que é uma dos tipos de violência que mais impacta a população feminina, possuem um importante papel na tentativa de elaborar estratégias de manejo. A maioria das vítimas de violência sexual no Brasil se declarou de cor parda ou preta, isso se deve uma vez que as raças negras e pardas são historicamente acometidas por esses crimes no Brasil.

É importante por sua vez destacar a escolaridade dessas mulheres, com cerca de 37% das vítimas referiram não ter completado o ensino fundamental, principalmente quando relacionamos com a faixa etária dessas meninas. Estudos indicam que o baixo nível educacional está associado ao risco de sofrer violência doméstica ou sexual. Apesar de todos os níveis educacionais possuem riscos de sofrer de violência sexual, contudo o diferencial é a autonomia das vitimas que buscando ajuda, enquanto que outras renegam de assistência. As faixas etárias das vítimas foram predominantes de idades menores de 19 anos, que corresponde a 186.987 vítimas (76%), corroborado também em Santa Catarina, em um estudo epidemiológico de série temporal realizado no período de 2008 a 2013, cuja população foi constituída em sua maioria por mulheres caucasianas.

No que diz respeito ao local da ocorrência da violência sexual, revelamos que a residência foi o local escolhido para a realização das agressões, o que representou cerca de 59% dos casos. Isso por que a residência em si é constituída como um lugar privilegiado, que facilita as agressões por transcorrerem na privacidade, resguardadas da interferência de outras pessoas. Já a relação entre o consumo de álcool e a violência sexual, se constatou que 40% das vítimas declararam não ter ingerido bebida alcoólica antes da ocorrência e apenas 21% afirmaram ter utilizado bebida alcoólica. O que demonstra a não existência de um fator recreativo ao ato de violência sexual. É importante enfatizar que estudos envolvendo algumas cidades da América Latina, incluindo Salvador e Rio de Janeiro, revelaram que 68% das agressões consomem álcool, e esse dado é conflitante com o nosso estudo, acreditamos na existência de um viés pelo elevado número de ignorados e brancos desta categoria.

Os dados referentes ao encaminhamento hospitalar compreenderam 34% dos casos, seguido de 4% para internação hospitalar. No que diz respeito ao atendimento da vítima é imprescindível garantir acolhimento e respeito à situação do paciente. Principalmente lembrando-se da existência do agente agressor está comumente relacionado com a vítima da agressão. A discreta mudança no perfil das vitimas entre 2010 e 2018 demonstra o maior acesso e incentivo da sociedade em dar um basta a esse tipo de violência.

Dentre as limitações encontradas para realização desse estudo, a que mais se destaca é o grande número de dados ignorados ou em branco, o que necessita impacta na interpretação dos resultados e na qualidade dos dados do SINAN. Essa limitação comprometeu a harmonização de algumas variáveis, como toda suspeita de violência sexual é de notificação compulsória, é de suma importância que os dados sejam preenchidos de forma correta durante o atendimento a vítima.

## CONCLUSÃO

O presente avaliou o perfil epidemiológico da violência sexual no Brasil entre os anos de 2010 a 2018. O perfil sócio demográfico demonstrou que as vítimas possuem em sua maioria raça parda e preta, faixa etária menor de 19 anos, que não completaram o ensino fundamental. A maior parte das agressões ocorreu na residência, não tendo associação com o uso de álcool, com encaminhamento hospitalar.

## REFERÊNCIAS

- Assis SG de, de Assis SG, Avanci JQ, Pesce RP, de Oliveira Pires T, Gomes DL. **Notificações de violência doméstica, sexual e outras violências contra crianças no Brasil.** *Ciência & Saúde Coletiva.* 2012. p. 2305–2317.
- Camargo VC, Monteiro EC, De Souza G. **violência contra a mulher: instrumento de ensino para o preenchimento da ficha do sistema de informação de agravos de notificação.** *Revista Mundi Saúde e Biológicas.* 2016.
- Delziovo CR, Bolsoni CC, Lindner SR, Coelho EBS. **Qualidade dos registros de violência sexual contra a mulher no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) em Santa Catarina, 2008-2013\*.** *Epidemiologia e Serviços de Saúde.* 2018.
- Delziovo CR, Bolsoni CC, Nazário NO, Coelho EBS. **Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil.** *Cadernos de Saúde Pública.* 2017.
- Fonseca DH da, da Fonseca DH, Ribeiro CG, Leal NSB. **Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais.** *Psicologia & Sociedade.* 2012. p. 307–314
- Fonseca MFS, Da Luz Alves Ferreira M, De Figueiredo RM, Pinheiro ÁS. **O feminicídio como uma manifestação das relações de poder entre os gêneros.** *JURIS - Revista da Faculdade de Direito.* 2018. p. 49–66.
- Greca AML, La Greca AM. **Exposure to Violence: Who Is Resilient? Who Is At Risk?.** *PsycEXTRA Dataset.* 2004.
- Gaffney-Rhys R. 5. **Family Property and Domestic Violence.** *Law Trove.* 2016.
- Lima DC, Büchele F, de Assis Clímaco D. **Homens, gênero e violência contra a mulher.** *Saúde e Sociedade.* 2008. p. 69–81.
- Lima J de S, de Souza Lima J, Deslandes SF. **Olhar da gestão sobre a implantação da ficha de notificação da violência doméstica, sexual e/outras violências em uma metrópole do Brasil.** *Saúde e Sociedade.* 2015. p. 661–673.
- Minayo MC de S, de Souza Minayo MC. **Violência e saúde.** 2006.
- Minayo MC de S, de Souza Minayo MC. **Relaciones entre procesossociales, violencia y calidad de vida.** *Salud Colectiva.* 2005. p. 69.
- Nogueira VMS. **Estupro de vulnerável e estupro qualificado pela idade da vítima: evolução legislativa e lei penal no tempo.** 2020.
- Oliveira EM de, de Oliveira EM, Barbosa RM, de Moura AAVM, von Kossel K, Morelli K, et al. **Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo.** *Revista de Saúde Pública.* 2005. p. 376–382.
- Piwowarczyk L. **Sexual Violence Among Refugees and Asylum Seekers who come to the United States.** *Women, War, and Violence.* 2010. p. 45–57.
- Saliba O, Garbin CAS, Garbin AJI, Dossi AP. **Responsabilidade do profissional de saúde sobre a notificação de casos de violência doméstica.** *Revista de Saúde Pública.* 2007. p. 472–477.
- dos Santos SA. **Gênero, Orientação Sexual, Raça e Classe: Violências Contra Estudantes no Campus de Uma Universidade Federal.** *Paco Editorial;* 2019. 396 p.



Vieira EM, da Silva Castro Perdoná G, dos Santos MA. **Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde.** Revista de Saúde Pública. 2011. p. 730–737.

Souto RMCV, Rayone Moreira Costa, Barufaldi LA, Nico LS, de Freitas MG. **Perfil epidemiológico do atendimento por violência nos serviços públicos de urgência e emergência em capitais brasileiras, Viva 2014.** Ciência & Saúde Coletiva. 2017. p. 2811–2823.

---

1. Centro Universitario UniFTC, Salvador, Bahia, Brazil

2. Centro Universitario UniFTC, Universidade Metropolitana de Salvador, Salvador, Bahia, Brazil \*Autor Correspondente

---

---

Recebido em: 11 de Julho de 2021  
Avaliado em: 5 de Fevereiro de 2022  
Aceito em: 10 de Julho de 2022

---



---

[www.periodicos.uniftc.edu.br](http://www.periodicos.uniftc.edu.br)

---



Periódico licenciado com Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.